Phillip (Casamento à distância) | Duração: 47:14

I: Conta-me: onde nasceste, quem és e um pouco sobre como cresceste...

P: Está bem, o meu nome é Phillip Mayiee Jeti do Condado de Kakamega. Fui educado pela minha avó até terminar a escola, Standard 8, ou seja, em 1992.

E: Eh, é um homem muito velho. umekula chumvi. Ehe?

Deve ter vivido muito.

P: Sim. Portanto, a vida foi um pouco difícil, mas agradeço a Deus. Fomos viver com a minha avó, que só tinha uma perna devido a um acidente. Por isso, foi um pouco difícil, mas seguimos em frente.

E: Eras filho único ou tens irmãos e irmãs?

P: Tive a minha irmã que é... que foi a segunda a nascer, depois as outras duas irmãs viveram com a sua tia.

E: Ah.

P: Sim.

E: Então, viveram... cresceram em separado?P: Sim, em separado, sim.

E: E em que fase é que fundou a sua própria família? Quantos anos tinha? Onde estava?

P: Comecei a minha família... casei-me em 2001, mas nessa altura a minha mulher... já tínhamos um filho, que nasceu em 1997.

E: E sabia da criança?

P: Sim, sabia. Não havia necessidade de vivermos separados.

E: Ok. E que idade tinha nessa altura, quando se casou?

P: Quando me casei, eu tinha... ok, eu nasci em 1975.

I: Eh... Façamos a matemática rapidamente.

P: Sim.

E: Digamos que estava na casa dos 20.

P: Sim. Casei-me por volta dos 20, e é assim que estamos no nosso quarto filho.

E: Então, onde viviam naquele tempo?

P: Vim para Nairobi em 1997. Passei por uma fase complicada, casei-me. A certa altura decidimos que Nairobi era muito cara. Após algum tempo a minha família teve de voltar para a minha casa de infância, mas eu tive de ficar em Nairóbi.

E: Como foi tomada essa decisão da sua família se mudar, uma vez que já tinha um filho?

P: A decisão de mudar de casa foi em 2006, já tínhamos o nosso segundo filho. A minha família mudou-se para a minha casa de infância, onde eu tinha adquirido um pedaço de terra. Eles foram para lá para desenvolver e gerir o novo terreno. Agora, como estávamos a construir e a fazer manutenção do pedaço de terreno, pensei que seria mais fácil para a minha mulher estar lá e supervisionar tudo, porque agora esse era o nosso lugar e ficava a uma pequena distância da minha casa de infância.

E: De acordo consigo, o que significa para si família?

P: Família para mim é bom, porque muda a maneira de pensar, e faz-nos concentrar. Tornas-te responsável porque agora tens pessoas para cuidar.

E: O que aprendeste da tua avó, quando eras mais novo, o que te moldou a ti e à tua mentalidade em relação à família?

P: A minha avó era uma boa pessoa, ela ensinou-me a cozinhar.

E: Óptimo. Então, o que é que sabes cozinhar?

P: Sim. Dois, porque o meu pai faleceu em 1986, ensinou-me a ser forte e persistente na vida. Aprendi tanto com ela e com o meu avô, sobretudo a nunca desistir e a ser forte.

E: Então, fale-me dos seus familiares, dos seus filhos, da sua mulher. A sua família imediata.

P: Eu tenho quatro filhos. O primeiro nasceu em 1997, há pouca diferença de idade, porque o segundo filho nasceu em 2004. O terceiro nasceu em 2012.

E: Eh, você tinha claramente um plano.

P: Sim, 2012. Depois o último, 2020.

E: Ai, 2020! Phillip! ok, eh, pai campeão. Uau, espaçou-os muito bem.

P: Sim.

E: Teve consciência do planeamento familiar ou aconteceu simplesmente?

P: Sim, foi sobretudo planeamento familiar, sim.

E: Isso é muito bom. Agora que a sua família está em Kakamega e o senhor trabalha em Nairobi, como é que consegue? Como é que lida com a vida separada da sua família?

P: Demorou algum tempo, desde 2006 até... até 2017. Foi duro, porque...

I: 11 anos.

P: Sim, foi duro para mim porque a minha mulher e os meus filhos estão juntos, mas eu estou em Nairobi. Costumava lá ir uma ou duas vezes por semana... não, duas vezes por mês ou uma vez por mês. Tentei realmente ser consistente. Tive de ir e voltar enquanto trabalhava a partir de Nairóbi. Também era um desafio para mim porque havia coisas a fazer. Chego a casa, a minha família está ansiosa por me ver, mas os meus pensamentos estão mais focados no desenvolvimento da casa. Por isso, às vezes, houve conflitos.

E: Expectativas.

P: Às vezes não pensas, sim. Portanto, isso foi um desafio muito grande. Para além disso, a minha família costumava visitar-me durante as férias escolares, mas eu tinha pouco tempo para passar com eles. Costumava chegar um bocado tarde a casa quando vinha do trabalho. Por isso, devido ao meu horário de trabalho, não passei tanto tempo quanto gostaria com a minha família e eles estiveram por perto durante muito pouco tempo.

P: Portanto, era um desafio, mas tínhamos de nos desenrascar. Falei muitas vezes com os meus filhos, dei-lhes esperança e assegurei-me de que estavam bem. Falar com eles também me deu esperança e força.

E: Sim.

P: Por isso, desafiei-me a mim próprio. Tinha o plano de os visitar uma vez por mês, mas ao falar com eles fiquei ansioso por os ver mais vezes, e por isso fui mais vezes.

E: Qual foi a sua motivação? Sentiu muito a falta deles, queria passar tempo com eles? O que o levou a ir lá tão frequentemente?

P: Eu adoro crianças. Queria passar tempo com eles, com a minha família. Em segundo lugar, queria realmente estar com a minha família, para não ser um estranho para os meus próprios filhos. Ir falando com eles, ir vê-los para que soubessem quem sou.

E: Que você é o pai deles.

P: Sim, para que eles saibam que eu sou o pai.

E: Sim, isso é muito importante. É muito interessante, quero saber como criou os seus filhos. Por exemplo, entre a sua carreira e a da sua mulher, como incutiram disciplina, bons valores? Como é que conseguiram?

P: Quando se trata de disciplina e de os criar... Eu faço o meu papel como pai e a mãe deles também faz o seu. Concordámos em criar os nossos filhos juntos, num ambiente de respeito. As crianças cometerão erros, por vezes contra a sua mãe e outras vezes contra mim.

E: O que quer dizer? Qual é a diferença?

P: Por vezes a sua mãe dá-lhes tarefas na cozinha, mas depois não o fazem. Nesse caso, eu não intervenho. Deixo a minha mulher tratar do assunto, uma vez que foi ela a atribuir as tarefas. Respeito qualquer forma de disciplina que ela faça. Depois disso, tenho uma conversa com o culpado para explicar a razão pela qual estão a ser castigados e para aprender a respeitar.

E: Então, intervém para aconselhar?

P: Eu entro a meio como uma ponte. Não quero uma situação em que qualquer um deles não se sinta visto ou ouvido.

E: É verdade, é um bom equilíbrio.

P: Sim. A minha mulher também o faz quando as coisas correm mal.

E: Então, partilha responsabilidades?

P: Yes we do as we move along.

P: Sim, vamos fazendo à medida que avançamos.

E: Pelo menos há um pai com quem falar, quando tudo estiver dito e feito.

P: Eh, mas no final de contas explica-se que o que eles fizeram foi errado e é por isso são castigados.

E: Sim.

P: Então, é assim que os temos criado.

E: E quanto às decisões mais pesadas, por exemplo, construir, acrescentar elementos à família? Entre si e a sua mulher, fala mais nesses assuntos?

P: Eu proponho algumas das minhas ideias e depois a minha mulher aconselha sobre o porquê de ser uma boa ou má ideia e vice-versa. Eu proponho grande parte das decisões principais da família e a minha mulher apoia-me. Antes de tomar uma decisão, peço-lhe a opinião. Por vezes concordamos, outras vezes discordamos, mas eu tomo as decisões principais.

E: Na...

P: Porque quando se entra numa família, o processo de pensamento do teu parceiro pode ser diferente do teu, ele podem não ter a mesma visão. A pessoa com mais foco é a que toma as decisões a maior parte do tempo.

E: Então, dentro dessa mesma dinâmica, na sua família, você e a sua esposa partilham responsabilidades financeiras?

P: Eu trato da maior parte das responsabilidades financeiras, enquanto ela gere/explora tudo o resto. Na maioria das vezes chega-se a uma situação em que ambas as partes não comunicaram entre si e querem coisas diferentes. Falamos de tudo e chegamos a um acordo para que todos possam desempenhar o seu papel em conformidade. A comunicação é fundamental.

E: Então, ambos concordaram com o tipo de casamento que desejam?

P: Sim.

E: Como é que fizeram? Como é que começaram? Onde estavam?

P: Começou em Nairobi. Muitas pessoas encontram-se na igreja ou através de amigos, mas nós conhecemo-nos na rua. Eu estava apenas a passear e vi-a. Achei-a linda, tivemos uma conversa e ficámos amigos. De 1997 a 2000. Quando nos casámos, tínhamos uma relação há muito tempo. Eu não estava pronto para casar, mas depois foi-me diagnosticada tuberculose.

E: Uau.

P: Então, era difícil andar porque os meus pés estavam inchados e eu tinha dificuldade em respirar. Costumava chegar a casa depois de um longo dia de trabalho, com dores, com vontade de descansar. Por vezes, nem sequer tinha energia para cozinhar para mim próprio. Por isso, pensei, parte da razão pela qual as pessoas se casam é para ter alguém para estar contigo em tempos difíceis. Foi assim que tomei a decisão depois de ter recuperado. Eu queria casar e ela era a pessoa mais próxima de mim, por isso casei-me com ela.

E: Disse-me que se sentaram e falaram sobre o tipo de casamento que ambos queriam.

P: Então, sim… Falámos. Lembro-me que não era uma história. Um mês após a relação, sentámo-nos e discutimos as nossas expectativas sobre estarmos juntos, o que funcionaria para nós, gostos e aversões. Finalmente chegámos a um entendimento.

E: Até...

P: Também falámos dos nossos limites. Onde traçar a linha e não cruzar os limites um do outro. Depois disso, seguimos em frente.

E: Então, concordaram, depois decidiram viver juntos e construir uma casa. Tiveram outra conversa sobre o seu trabalho em Nairobi quando a família se mudou para Kakamega?

P: Sim, tivemos. Não foi uma decisão difícil de tomar. Eu disse-lhes que tinha comprado um terreno em Kakamega e que tínhamos de contratar alguém para supervisionar o seu desenvolvimento. A minha mulher propôs fazê-lo porque estava desempregada nessa altura, perdeu o emprego quando tivemos um filho. Ela administrava tudo o que se passava na propriedade rural. Eu costumava dar o meu melhor para ir ver a família, e quando ela tinha oportunidade, vinha a Nairobi ver-me. Era assim que funcionávamos, mas era eu quem ia a maior parte das vezes.

E: Sim.

P: Ela costumava vir de vez em quando.

E: Penso que ajudou porque tinha uma mota.

P: Sim, de facto, lembro-me que houve uma altura em que não tinha planeado ir para casa, mas deixei o trabalho e fui a casa. Tive simplesmente a sensação de que precisava de ir casa, não tinha dinheiro suficiente. Eram umas 4 horas e eu só pensava, o que é que eu faço? Não tinha dinheiro, mas o meu coração dizia-me para ir para casa. Por isso, acabei por abastecer a mota e parti. Eram quase 5 e correu muito bem, por volta das 11 já tinha chegado a casa.

I: Foi a primeira vez?

P: Foi a quarta vez, eu tinha experiência com a auto-estrada, por isso cheguei a casa.

I: Isso não é muito longe?

P: É...

I: Isso são quase 6 horas na estrada.

P: São 395 quilómetros. Cheguei a casa em segurança. Houve uma altura em que saí daqui por volta das 2 horas, quando cheguei a Naivasha, começou a chover. Choveu todo o caminho até eu chegar a casa de mota.

I: Weh.

P: Cheguei a casa encharcado. Lembro-me da minha mulher a chorar, que eu ia morrer na estrada a caminho de ver a família.

E: Oh.

P: Mas eu tinha vontade de ir ver como é que estava a minha família. E é assim que temos estado. Assim, entre Nairobi, tínhamos concordado, sim.

E: Na sua vida pessoal e familiar, onde é que a igreja entra?

P: A igreja tem sido uma lição importante. De facto, quando namorávamos, eu costumava ir à igreja. Por isso lembro-me que houve uma altura em que ela veio a minha casa, eu tinha-lhe dado a chave. Ela veio a casa com as chaves dela..... às vezes estou ocupado com os recados da igreja até altas horas da noite e nessa altura não tínhamos telefones. Chego a casa e as coisas estão todas feitas, as roupas lavadas, a casa limpa e por isso sabia que alguém lá tinha estado. A igreja tem sido um pilar. Fui criado na igreja e ainda vou até à data.

I: O que quer dizer até à data? Ainda vai à igreja?

P: Eu ainda vou à igreja, adoro ir à igreja. Na verdade, sou o tesoureiro da igreja.

I: Boa. É claramente uma pessoa da igreja. Como dizia há pouco, costumava fazer chamadas telefónicas e talvez chamadas de vídeo, mas como tem mantido a sua casa passados 16 anos?

P: É a minha mulher que dirige e gere a casa. Eu apenas financio.

E: Ok.

P: Eu dei-lhe… O poder de controlar tudo. Portanto, nunca tive um desafio nesse sentido, embora, quando se trata dos miúdos, nós gerimos muito bem. Portanto, se há um problema, de facto houve...., há vezes em que os miúdos estão aqui comigo, outras vezes estão em casa com a minha mulher. Outras vezes tomo simplesmente uma decisão e peço à minha mulher que os ponha num autocarro para virem a Nairobi. Fico com eles e levo o meu tempo a aprender o seu comportamento porque estão habituados a estar ao pé da mãe. Queria que eles me chateassem como chateiam a mãe. É assim que tento estar nas vidas deles para que a minha mulher não assuma sozinha a responsabilidade.

E: Como pai, que lições gostaria de lhes dar?

P: Gostaria que eles fossem melhor do que eu, adoraria, especialmente no caso dos primogénitos... Sei um bocado de seguros, e queria que eles estivessem envolvidos... Tenho contactos, mas quando fizeram o exame final, a nota que obtiveram não serviu para se qualificarem para a faculdade. Perguntei-me sobre o que fazer, porque o exame final não lhe tinha corrido bem. Quando me falei com a faculdade, eles sugeriram que começássemos do zero. Depois, quando ele passar o exame, com a forma como o vamos treinar vai poder continuar com a faculdade, mas ele chumbou, e eu fiquei a perder, mas não fiquei chateado. Dei-lhe uma pausa para pensar bem nas coisas. Depois de algum tempo voltámos a ter a mesma conversa, perguntei-lhe o que queria fazer com a vida dele. Ele disse que ainda queria fazer a mesma coisa, que estava pronto. Porque aquilo com o que contava não aconteceu.

I: Yah.

P: Perguntei-lhe o que é que ela pensava sobre maquilhagem. Ela concordou e correu bem. Na verdade está actualmente empregada e a sair-se bem. Eu gostava que eles fossem de uma certa maneira, mas o desafio é o certificado e as qualificações. Mas eu gosto de estar com ela, falar com ela para que me possa contar o que quer fazer.

E: Portanto, quer construir confiança com os seus filhos…

P: Sim.

E: E também.... também a falar com eles...

P: Sim, sim.

E: Ouvi-los.

P: A maior parte das vezes, quando falo com eles, eles ouvem. Porque sabem que como pai, tomo muito boas decisões e que tenho bons conselhos. É por isso que eles são pacientes quando me ouvem.

I: Em relação ao casamento, qual é a sua opinião sobre o casamento? É uma coisa boa ou não? O que é que acha? Penso que provavelmente dirá que o casamento é uma coisa boa, mas diga-me o que pensa.

P: O casamento é uma coisa boa e porque, como disse há pouco, nos dá foco. Quando se tem dinheiro, não se pode gerir mal, porque há alguém que depende de nós. Por isso, mantemo-nos conscientes de que temos uma família.

I: [ININTELIGÍVEL]

P: Eu tenho uma família e pessoas. Então tornamo-nos carinhosos e concentrados, essa é a melhor parte de se ser casado. Casar com muitas pessoas é um problema, depende da pessoa com quem se está. Se não houver acordo, vai haver problemas.

E: E o amor? Não disse nada sobre o amor.

P: O amor requer treino, é o que eu acredito. Se chego a um ponto em que vejo que as coisas não estão a correr bem, tenho de falar, e dizer eh-eh, quero que se siga este caminho. A comunicação é importante num casamento, o amor está subjacente.

E: Gostaria de perceber como se entende o casamento, a importância, mais importante ainda, a criação de uma família.

P: O casamento é doce, dependendo do parceiro, a pessoa com quem se está a relacionar é muito importante. Digo que depende de como se começa. Se começarem bem juntos, tudo correrá bem. Se se tornam amigos e depois se apaixonam, o amor controla tudo, é apenas amor?

Quando se trata de casamento, tem de ser mais do que amor, aquilo que é preciso fazer juntos para além do amor. É importante escolher sabiamente o seu parceiro, escolhes a pessoa errada e o teu casamento estará em apuros porque a outra pessoa pode não estar pronta.

I: Isso é verdade.

P: Estando-se pronto para o casamento. Descobre-se que somos duas pessoas, mas que não temos o mesmo foco.

I: Verdade

P: Portanto, vai haver conflito. Chega-se a um ponto, como mulher, em que se decide que se quer casar.

E como homem decide-se que se quer casar com alguém, e começar uma vida com alguém. Quando não se está de acordo, a relação não vai durar

I: Verdade.

P: Haverá um problema

I: E.....

P: O casamento traz.... a maioria dos problemas ocorre quando ambas as partes não estão de acordo no início. Em segundo lugar, os problemas surgem quando não se tem a mesma mentalidade, há algo a fazer, mas em vez de se compreender...., fala-se e concorda-se. Quando se chega a um ponto em que não se pode tomar uma decisão em conjunto, então interfere-se na ideia da outra pessoa, mesmo que tenha sido uma boa ideia. Tente ouvir o seu parceiro e o seu casamento ficará bem.

I: É verdade, e, na tua família alargada, especialmente nos teus familiares, será que eles vêem o casamento como tu o vês, que talvez seja um só homem, uma só mulher, ou será correcto ter múltiplos parceiros?

P: Na nossa cultura.....

I: Ou mais do que uma mulher.

P: Em casa, o meu avô tinha duas esposas, mas do meu ponto de vista, a menos que haja uma razão. A maioria das pessoas quer uma segunda esposa, porque talvez haja um problema, talvez a esposa seja desrespeitosa para com a família.

I: Muito bem, vamos começar pelo seu avô. Ele tinha duas esposas.

P: Eh, o meu avô teve duas esposas e muitos filhos. Portanto, há os que pertencem à família.....

E: Estou-me a rir. Desculpe, sem ofensa. Ouvir dizer que ele teve muitos filhos é engraçado.

P: Ah, pensei que era um barulho.

I: Ok, comece de novo sobre o seu avô, desculpe.

P: Ok, o meu avô teve duas esposas. Nunca lhe perguntei porque tinha duas esposas, não o questionei, mas é algo que uma pessoa decide. Eles têm de pensar duas vezes para arranjar duas.

E: Porque é difícil que funcione.

P: Sim, manter não é fácil ou simples. Embora alguns, como os meus amigos que vi com duas esposas, tenham as suas razões e aqueles que conseguiram, as famílias entendem-se, por isso não há problemas. Percebem que terão permissão da primeira esposa por causa de A B C D. É melhor assim, porque há a oportunidade de avançar.

E: Não assusta a outra pessoa?

P: Sim. Eles concordam com isso por causa de A B C D, um dois três.

I: Sim.

P: Autorizo, com condições.

E: Então, dizia há pouco, uma das razões para ter filhos é que eles cuidem de si quando for mais velho. Na sua família, é esta a sua cultura ou o trabalho cabe aos pais...., não aos pais mas aos filhos dos pais mais velhos?

P: Antes de mais, a família é importante, qualquer família tem de ter filhos. Eles desempenham um papel muito importante na família. Em segundo: O que é que se procura? Porque os filhos que vão ter. Também é uma lição para nós à medida que os criamos. E eles sabem que o seu pai está por perto.

I: Então, cria-os de uma forma que eles o respeitem e agradeçam mais tarde.

P: Sim, assim, eles saberão mais tarde na vida, é bom ter uma família. Falando de quando, também depende da família. Há famílias que concordam que os últimos filhos ficarão com os pais para tomar conta deles. Mas isto tem mudado porque é difícil para toda a gente. Às vezes o último filho parte, talvez para fora do país. Então percebemos que o que esperávamos não aconteceu, mas pelo menos temos uma família, filhos. Portanto, a pior coisa a que pode acontecer à família na qual nasceste é não ter filhos, não ter pessoas, não haver ninguém que te ame.

I: Verdade

P: Sim, ninguém te ama, porque é como se não servisses para nada. Custa especialmente aos pais, quando a sua filha é crescida. Por vezes, a rapariga até é expulsa de casa.

E: Uau.

P: Porque lhe perguntam, o que está a fazer na casa dos teus pais, deves ter a tua própria casa, a tua família.

I: Agora....

P: Mas estás aqui na casa de família.

E: Mas agora nesta economia, a forma como a vida é difícil, talvez esta seja a única forma.

P: Lá em casa eles acreditam que é preciso casar. Na terra de Luhya não se pode viver assim, o homem tem a última palavra. Por isso, não terá qualquer hipótese. Quando os teus pais morrem, os homens são os que permanecem e casam com as esposas. Portanto, mesmo que tenham nascido lá, e os homens tenham casado....

I: Não há espaço para si.

P: Não há espaço porque são as famílias que estão a começar que controlam a casa.

E: Mudou tudo, eh.

P: Vais para a tua casa, procuras o teu próprio lugar. Esta casa é de outra pessoa agora.

I: Há muita pressão sobre as mulheres.

P: Então, acontece... quando pensas que vais voltar para casa dos teus pais, o último a nascer é aquele que toma conta da propriedade.

I: E eles têm....

P: E se eles têm uma esposa. Por isso, quando lá chegam, todos se perguntam o que vieram fazer. Deveria estar na sua própria casa. Por isso, traz vários desafios que te obrigam a tomar uma decisão

I: Na sua família, segue estritamente a sua cultura, por exemplo, circunscrição, baptismo, estas coisas acontecem na sua família?

P: Nós fazemos. Como na terra de luhya, os Tiriki nunca circuncidam os seus filhos num hospital. Como, eu vivi na floresta durante 1 mês. Nenhuma mãe, irmãs, apenas o meu pai costumava vir ver-me e a alguns dos meus primos. Apenas homens, nenhuma senhora era permitida.

E: Que idade tinha?

P: Eu tinha 13 anos. Nenhuma mulher é permitida. Por isso vivemos na floresta durante 1 mês, mais de 1 mês até que sares. Depois de estar curado é quando se pode socializar. Na verdade eu não fiquei feliz porque perdi o meu pai e só descobri depois de me curar. Estava feliz por finalmente regressar a casa, tinha saudades da minha família. E quando o fiz encontrei o túmulo do meu pai.

E: Oh, ele já estava enterrado?

P: Ele já estava enterrado e eu não fazia nenhuma ideia. Esta história da cultura... eles fizeram-na para que eu nunca perguntasse onde estava o meu pai. Reparei quando cheguei ao portão, que não tinha visto o meu pai durante 3 semanas e que ele poderia ser o que estava na sepultura.

A partir daí, não gosto do modo tradicional de circuncidar. O meu filho tem 14 anos, e eu levei-o ao hospital. Alguns membros da minha família queixaram-se que eu estava a ir contra a cultura, mas eu já tinha tomado a minha decisão.

E: Sim.

P: Eu posso tomar as minhas próprias decisões. Eles não gostaram mas não havia saída. A cultura ainda funciona....

you cannot mess yourself.

E: Então, adopta-a da forma que faz sentido para si.

P: Eu fiz o meu próprio caminho. Portanto, depende da crença de uma pessoa. Se não se importam, muito bem.

I: Há mais alguma coisa da sua cultura que ainda pratique com a família?

P: Família? Não. Eu nunca vi. Só a circunscrição ainda acontece, mas tudo o resto, como o entre-casamento, ninguém é proibido. Em casa, temos 3 kikuyus, e cinco kambas.

I: Contou-os bem.

P: Há também luos, por isso estamos todos misturados. Há limites....

I: Limites

P: Não se pode pisar a linha.

I: E como frequentador da igreja, o que pensa do baptismo, como católico há comunhão e tudo isso, passou por isso?

P: Seguimos o protocolo da igreja. Se se é membro da igreja, tem de se seguir o protocolo.

I: Estamos quase a terminar. Quando olha para a sua família, o que pensa que torna a sua família especial?

P: Na maioria das vezes, quando as coisas não correm como planeado, são as pessoas mais próximas de ti que te dão moral, quando queres fazer algo basta olhar à volta e ver o que se tem... há uma criança a sorrir para ti, por isso sentes que está tudo bem.

Olhas para os teus filhos, que dependem de ti, sentes-te orgulhoso, por isso não te podes meter em confusões.

E: Bem, é evidente que fez um bom trabalho de manutenção da sua família ao longo de todos estes anos. Que memórias especiais tem da sua família quando está longe deles? O que o faz feliz?

P: Especiais...

I: Podem ser várias, não uma especificamente.

P: A alegria para mim, ok, não tenho de explicar mas sinto-me bem quando eles estão à minha volta... Quando chego a casa, sinto-me bem-vindo. As crianças são agora mais velhas, por isso quando chego a casa dizem-te, eh papá, a água está pronta, vai tomar um banho. Penso, uau, a minha família preocupa-se comigo. Diferente dos amigos que não podem cuidar de ti dessa maneira.

Um momento memorável foi quando eu estava doente antes de me casar. A forma como a minha namorada me apoiava, por vezes até ia trabalhar mais tarde porque estava a tomar conta de mim. Eu estava tão feliz, que pensei que talvez tivesse encontrado a pessoa certa.

E: Talvez seja amado.

P: Então, esta é uma delas. Segunda, fui hospitalizado após um acidente, telefonar à minha família. Mandei fazer radiografias e não havia maneira de ter alta. Tinha um braço partido, pelo que me internaram imediatamente.

E: Sim.

P: Não tinha dito à minha família que ia ser internado e nunca tinha dormido fora de casa, por isso tive de os avisar. Tinha feito um telefonema mais cedo, a dizer que estava a ser tratado e que iria informá-los do progresso. Mas....

E: Não queria assustá-los.

P: Mas foi muito engraçado. A minha mulher trouxe os dois filhos mais novos com ela para o hospital. Eu não lhes tinha dito em que hospital estava, mas ela soube pelo meu primo com quem eu estava. Eu não sabia que eles vinham, por isso fiquei muito surpreendido quando eles vieram e abraçaram-me quando eu estava à espera de entrar. Isso deu-me força e moral. É tão bom ter uma família.

Lembro-me da última coisa que me disseram: "Vai melhorar e voltar para casa". E pensei para comigo, sim, tenho de voltar para casa, mesmo que seja por dois ou três dias. Por isso, estas memórias fazem-me muito feliz.

E: São muito bonitas, obrigado!